



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ADEREÇOS CORPORAIS: PRÁTICAS DISCURSIVAS INSCRITAS NA PELE

Josenildo Soares Bezerra
Universidade Potiguar – UnP
Soares.bezerra@gmail.com

Este trabalho analisa a formação discursiva e não-discursiva de subjetividades de mulheres a partir da interpretação de tatuagens inscritas em seus corpos. Interessa-nos entender como tais tatuagens constroem suas subjetividades. Para tanto, realizamos, nessa fase inicial da pesquisa, uma conversa informal com mulheres dos cursos de comunicação social (Design Gráfico, Publicidade e Propaganda e Jornalismo) da Universidade Potiguar do RN e foi solicitado que falassem de e como esses “adereços corporais” em sua iconicidade as inscrevem enquanto sujeitos. Problematiza-se como essas mulheres se constituem e que práticas de verdades, tais como autonomia, formações do corpo social e percepção de suas ações enquanto sujeitos, tendo as tatuagens como materialidade discursiva a ser analisada. Dialogamos com Hall (1997) por entendermos com ele que a cultura tem um papel central como lócus de debates contemporâneos das diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais e que toda ação humana é cultural. Além disso, utilizam-se concepções da Análise de Discurso de filiação francesa como discurso, memória discursiva e interdiscurso (2005; 2007). As teorizações foucaultianas acerca da disciplinarização dos corpos e dos jogos de verdade constituindo modos de subjetivação, Foucault (1979; 1996; 1987; 2010) ajudarão ao trato da questão levantada. A partir de Butler (2003) na compreensão do corpo enquanto constructo social e cultural e onde estes “adereços” nos remetem a interpretar tais sujeitos.

Palavras Chave: Subjetividades. Discurso. Tatuagem. Verdade. Disciplina

Início este artigo referindo-me à cultura enquanto lugar habitável dos indivíduos e por onde suas práticas e ações cotidianas se dão. É na cultura, e via culturam, que nos reconhecemos como sujeitos sociais de direitos e deveres. Tomemos a contemporaneidade para situar nosso sujeito de análise, mas passaremos a situá-lo ao longo do tempo em que a mulher torna-se sujeito consciente do seu corpo, do prazer e da idéia de autonomia, mesmo esta, sendo um constructo da ordem do cotidiano e com inúmeras possibilidades multifacetadas. O constituir-se é ação que nos acompanha desde o nascimento até a morte, assim sendo, nunca estaremos prontos, é da ordem da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ação individual e social. Assim, tornar-se humano, é viver e agir, e tal ação, é sempre-já valorada. Somos e estamos corriqueiramente nos afirmando enquanto sujeitos culturais e sociais. Nesta perspectiva, a tatuagem insere-se e inscreve-se como algo anatômico-humano. Ter tais inscrições grafadas no corpo nos dá a visibilidade e senso de autonomia para além do simples estar no mundo. Tornamo-nos sujeitos para além do senso comum, para além do indivíduo comum.

Então, de que formação discursiva se fala? No trato desta questão, a FD, entendida aqui como formação discursiva, é o lócus do sujeito, é o vir a ser, o existir. Campo de batalha cotidiana onde os sujeitos se constituem e se constroem a cada ato, palavra e ação que o cerca. Nesse campo cultural e social, somos atravessados pelo outro, sendo este, não só o indivíduo que trava comigo o existir, mas também, todas as instituições sociais com suas normas, dogmas e obrigações. Isto me faz, enquanto humano, permeado e construído não só por uma pseudo-subjetividade pensada enquanto individualidade, mas de um corpo/mente esquadrihado e constituído em sua pluralidade. Sou um pouco de mim mesmo e um muito dos outros, sejam estes outros, o meio social com as instituições. A formação discursiva é esse emaranhado cotidiano e vivo onde sujeitos existem. Obviamente, estamos situando a FD no lócus da sociedade com suas muitas verdades, suas construções, ora dogmáticas, ora tentaculares que nos fogem o controle enquanto pilotos de nós mesmos.

Para melhor situar o conceito de formação discursiva, Foucault (2009, p. 43) afirma:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhantes sistemas de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”.

A formação discursiva está no existir humano, assim, nossas escolhas são permeadas de formações discursivas, e só, somente só, poderemos significar dentre de tais formações. São nestas discursividades que torno-me sujeito agente e paciente, co-responsável da constituição do “eu” e do “outro”. Fazemo-nos a partir da aproximação,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

e ou, distanciamento do outro. Essa relação bakhtiniana da dialogia encontra-se na constituição mesma da sociedade e das instituições.

Retomemos o sujeito deste estudo para analisá-lo à luz das formações discursivas. Ter ou não ter tatuagem, ser ou não mulher, são elementos fundamentais para esta discussão. O que é ser mulher? Esta noção de sujeito do feminino tem atravessado desde sempre transformações de sua constituição enquanto sujeito de direitos e deveres, e ainda arrisco-me a dizer, enquanto Ser. Ser mulher é um conceito que Bento (2007) tem se questionado e até mesmo posto no plural. Esta autora discute a partir de Butler (2003) quando questiona o sujeito do feminismo enquanto discursivamente moldada e fixa em mulher portadora de uma subjetividade não cambiante. Depois de tantas lutas e caminhadas políticas, a mulher fica engessada em um tipo padrão de feminino, descartando assim, as facetas do fazer e fazer-se. Pois bem, não é desta mulher que tratamos aqui. Falamos de um sujeito rarefeito demais, plurais demais para fixar-se em padrões tão rígidos de subjetividade. É exatamente desta perspectiva que nos afastamos. Pois adotamos o conceito desta mulher contemporânea e de construções subjetivas tão plurais quanto suas discursividades.

Situado o sujeito, vamos esclarecer de que subjetividades escrevemos e significamos. Utilizaremos a metáfora foucaultiana da navegação para nos apropriar de tal conceito. Foucault (2010) nos relata a conversão a si mesmo e do retorno a si em tais escritos. Assim segue tal metáfora. A idéia de navegação nos remete a uma trajetória, um afastamento de um ponto para chegar a outro. Assim, somos nós. Estamos corriqueiramente nos deixando, trocando nossas velhas roupas identitárias e vestindo outras identidades, outras possibilidades. Assim, Foucault continua no segundo elemento desta metáfora que é a busca de um ancoradouro, um objetivo a alcançar em que miramos um porto seguro para ancorarmos nossas intenções, nossos desejos. Já no terceiro momento desta navegação, é abordado que o lugar mais seguro desta trajetória, somos nós mesmos, nosso conforto, nossas idiossincrasias. A mudança, os balanços de tal trajeto são inúmeras vezes abjetos, pois o que nos parece é que porto seguro só encontramos em ações engessadas e perenes. Ao passar para o quarto pressuposto, o autor nos esclarece que se o retorno a si é tão desejado, é porque o trajeto tem algo de perigoso, do desconhecido. Isto nos dá medo e nos faz fixarmos em nosso eu. Esta idéia metafórica nos dá a impressão que é no trajeto perigoso, conturbado atravessado por



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

outras embarcações, sujeitos conhecidos e desconhecidos e indefinições que a arte da navegação se dá. Somos conduzidos a conduzir-se. Pilotos de nós mesmos. Eis um excelente conceito metafórico, mas também real de fazer-se em nossas navegações diárias. Viver é está no controle de tal embarcação. Constituir-se e construir-se é navegar dioturnamente. Para não ficarmos apenas no metafórico, apesar de sua densidade, a constituição subjetiva do ser para Rolnik (1997, p. 25)

...o que vislumbro da subjetividade é o perfil de um modo de ser – de pensar, de agir, de sonhar, de amar etc. – que recorta o espaço, formando um interior e um exterior. Nosso olhar desatento vê na pele que traça esse perfil uma superfície compacta e uma certa quietude. Isso nos faz pensar que esse perfil é imutável, assim como o interior e exterior que ele separa.

A subjetividade, assim, é comparada com o próprio estar no mundo, não encontra-se na pele aparente, mas é vivida nas relações, no campo dada política, da cultura, das emoções, da profissão, dos desejos. Trazendo para o campo analítico das inscrições corporais, ou seja, para os registros tatuados no corpo desta mulher da qual falamos ser plural, em dada contemporaneidade, é percebido na fala das entrevistadas, com certo deslizar de possibilidades outras, como auto-afirmação feminina, adereços estéticos, modismos e uma maneira de estar bem consigo. É perceptível para além das construções descritivas e subjetivas – digo até com escolhas adjetivadas e cuidadosas para não parecer apenas frívolas – que tais mulheres encontram na tatuagem, um sentido de autonomia e posse de seu corpo.

A escolha do discurso a ser dito meio a conversas informais, pois nos encontramos em definição dos sujeitos a serem pesquisados, mas nessa informalidade o olhar tem sido investigativo, plural e respeitoso às variantes que possam surgir e dar cabo ao que será esmiuçado e proposto como corpus de análise. Estas mulheres deixam perceber discursivamente o conceito de subjetividade fora de si e algo a ser alcançado. Talvez devido o percurso por onde tiveram que caminhar, as lutas, os desafios de tornarem-se sujeitos, de ter posse dos corpos e desejos, de controle da natalidade através do uso de anticonceptivos, em fim, de todas as batalhas para terem sua subjetividade feminina¹ respeitada como possibilidades do Ser.

¹ Não uso-a como forma fixa, mas com direito à sua singularidade



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Os adereços corporais do fim do século XX, para além de ser moda, tornou-se marca registrada de Arte contemporânea. Encontraremos também, sob a mesma perspectiva do conceito pluralizado e incerto de ser mulher, o mesmo na tatuagem. Podemos situá-la em nível de estética, de identidades, de liberdade, de expressão, em fim, cada sujeito que as inscrevem em seus corpos, tem motivos outros para tal.

Os sujeitos aqui descritos são de estudantes de graduação e graduação tecnológica, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar – UnP, no Nordeste do Brasil. Antes de chegar até elas, procurei observar e dialogar com outras mulheres fora da instituição em que pesquiso. Este foi o primeiro momento de exploração do objeto de estudo. A primeira impressão no que tange a subjetividade, elas dizem o mesmo: “torno-me mais autônoma”, “sinto-me que o corpo é para meu prazer” “acho bonito ter tattoo”. Para além desses discursos ditos de autonomia, vemos que a maioria ainda geografizam seus corpos e escondem suas “liberdades”, ou seja, o que diz ser autonomia está guardado em partes geográficas não visíveis socialmente. Podemos entender a partir dos discursos coletados que tais mulheres, apesar de estarem no século XXI, de terem alcançado direitos de proteção contra o abuso, à violência verbal e física, ainda precisam esconder-se atrás do dito pudor moral e social masculinizado. As falas representam o motivo de tatuarem em lugares tão privados e pouco visíveis. Uma parcela delas diz ter tatuagem para agradar seu desejo, não precisa mostrar para o outro, fala que a sociedade ainda é muito preconceituosa para com mulheres tatuadas. E assim, muitas vezes vão encontrando subterfúgios para esconderem-se atrás das normas dogmáticas e sociais do machismo.

Analisando as falas e as iconografias, concordamos com Orlandi (2007, p. 15) quando nos diz que “*Assim, quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio ‘fala’ por elas; elas silenciam.*” Fica claro que existe algo para além das afirmações das mulheres em relação ao uso de tal linguagem corporal. Tomando o silêncio quanto *lócus* de pluralização de sentidos e produção do mesmo, meio as conversas, sai algumas demonstrações de frustração devido o preconceito com este corpo feminino.

As tatuagens e sua geografia também é um ponto importante a analisar. Não podemos fazer tais conjecturas, sem balizar nossa escrita no conceito de cultura que Hall (1997, p. 1) nos dá. Para tanto, no texto “A centralidade da cultura: notas sobre as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

revoluções culturais do nosso tempo” voltamos ao já discutido acerca do ser social que constitui-se e é constituído pelo outro.

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação.

Este conceito nos coloca frente à questão do cotidiano realizado e realizável pelos sujeitos sociais. Nesta perspectiva, ainda herdamos do século XX um emaranhado de conceitos ortodoxos acerca do corpo e do constituir-se mulher. Por muito tempo, a tatuagem em nossa civilização ocidental foi marcada por um intenso preconceito. Seja pelo viés das práticas religiosas, ou mesmo, pela leitura criminalizada, pois era muito comum presidiário e pessoas que vivam da boemia e vadiagem grafarem em seus corpos de forma rudimentar nomes e figuras, muitas vezes horrendas, como forma de instituir-se. Trazendo essa perspectiva semiótica para a leitura das tatuagens, ficou marginalizado e guetizado o uso de tal impressão nos corpos. No fim do século passado, a tatuagem toma novo rumo frente a uma sociedade globalizada e mestiça no que tange às formas de viver e sentir a cultura e sua subjetividade. Podemos afirmar que ter tal grafia é hoje um adereço. A cada dia, os signos (escritos e pictóricos) assumem uma importância ímpar de embelezamento, de sedução e erótica. Podemos observar nas mais de 47 tatuagens de uma das nossas entrevistadas, intitulada de Miss Dany². Ela foi grafando ao longo de seus 40 anos tatuagens que dizem ser um pouco de sua história de vida enquanto mulher independente, autônoma e desejada por ambos os gêneros. A pele feita páginas dos inúmeros diários que contam sua vida através de iconografias e palavras de sentido adjetivador de sua personalidade. Segundo a pesquisada, já sofrera

² Imagens cedida pela pesquisada e com a permissão.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

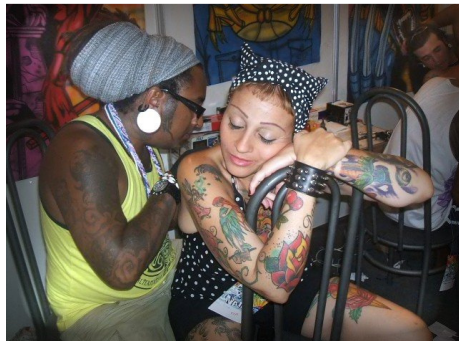
Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

muito preconceito, mas hoje é vista como excêntrica, uma mulher revestida de tinta e formas, tornando-se uma verdadeira obra de arte.



Trazendo as palavras e a iconicidade grafada em seus corpos, podemos analisar tais discursos sob a perspectiva de filiação francesa:

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI, 2007. P. 15)

Entender os discursos produzidos pelas entrevistadas é muitas vezes necessário percorrer como dito acima em permanências, continuidades e rupturas discursivas que constituem cada sujeito ora citado. Temos também que perceber o discurso produzido pelos sujeitos atravessados e constituídos de outros discursos que os tornam parte do social. O interdiscurso, bem como, o intradiscurso são possibilidades do dizer, do SER. Ao perguntar o que significa a palavra “LUXÚRIA” grafada sobre os seios, Miss Dany afirmou que achou apenas bonito.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina



Sabemos que não usaria tal palavra se não houvesse o sentido social. Tratamos de interdiscurso como a utilização do sentido que já fora produzido e entendido pela cultura. Essa memória discursiva nos acompanha por toda a vida e nos situa como viventes de um determinado agrupamento sociocultural. Isto foi percebido também nas demais entrevistadas. Todas, sem alguma exceção, dizem ter feito tatuagens para satisfazer um desejo particular. Ao questionar acerca da autonomia, todas usam um discurso normatizado em que percebemos o conceito da produção das identidades ora afirmada por Hall (1997, p. 8)

O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O que chamamos de individualidade, ou mesmo, outras ciências tratam de personalidade hereditária, congênita, temos uma formação discursiva que juntamente com os interdiscursos, nos formam sujeitos e atores sociais. Eu tenho muito pouco de mim e um muito dos outros. Nesta perspectiva, somos constituídos na interrelação socialmente e pela linguagem. Ao tatuar e geograficizar o corpo, estamos representando o “eu” e o “outro”. Fora desta perspectiva, acreditamos não haver sentido na realização humana.

Podemos perceber o quanto somos seres do discurso, da grafia e iconografia, ao vermos o filme intitulado de “O livro de cabeceira”, em que a personagem para encontrar sentido na vida a partir das tatuagens grafadas e contadas como um diário. Assim, estes sujeitos primariamente pesquisados, escrevem em seus corpos verdadeiros contos, experiências, livros a serem interpretados e produzidos sentidos. Cada imagem, cada texto traz consigo uma carga semântica e cultural muito intensa. Esta perspectiva nos trará contribuições ao fim do trabalho de tese.

Para tanto, esquadrinhas os corpos e seus lugares a serem modificados, também tornou-se importante pesquisar. Sabemos que as instituições produzem saberes e políticas para o Ser enquanto sujeito social. Vive-se uma verdadeira política dos corpos que Foucault assim denomina.

[...] não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível da mecânica – movimentos, gestos, atitudes, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. (FOUCAULT, 1987, p. 118)

O sujeito passa a ser um corpo que se fabrica, que é capaz de ser modelado. Produzem, nesta perspectiva, corpos politicamente viáveis. Se pretendermos trazer para a chamada geografia corporal, o que tatuar e onde tatuar, não é algo meramente do individual, mas sim, normatizado pela ordem. Nessa conjuntura, trabalhar e moldar o corpo com exercícios repetidos e pesados em que os músculos serão docilizados passa a ser a tela onde serão produzidos as tatuagens. Em algumas entrevistadas, o corpo/tela para além de ser forma de ter sua autonomia, também é lócus do desejo para si e para o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

outro. Apesar de demonstrarem que as tatuagens são para adornar seus corpos, meio a palavras, pluralizam o sentido ao resvalar que produz desejo no outro.

Que corpo é esse interpretado como forma de ter o mundo? Pensar no corpo enquanto *locus* do prazer e da subversão dos dogmas judaico-cristão, é pensá-lo múltiplo, capaz de aberto às possibilidades culturais. Para Butler (2003) na medida em que a mulher torna-se livre do “poder”³ do macho, trás consigo novas interpretações da lei das quais as aprisionam. Nesta perspectiva, o corpo “livre” das mulheres carregam impressos tal qual suas tatuagens, leis normatizadoras, políticas dos corpos que modelam posturas e sentidos, como também parodiam tal “liberdade” em formas de tatuagens. Estas por fim, dizem muito do que elas são.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apenas está no começo. As considerações realizadas foram exploratórias, tanto quanto a forma de coleta dos dados. O que é fato concreto, é que somos seres da linguagem e por ela interpretados. A analítica dos sujeitos pesquisados, bem como, o olhar atravessados por uma Linguística Aplicada Interdisciplinar, darão cabo as questões que são humanas demais para serem apenas catalogadas pelo olhar o do poder e da esfera ideológica. Propomos então, analisar sob a ótica da cultura e da linguagem. Se percebermos ao longo do escrito, as questões de autonomia e de constructo social só produziu sentido quanto permeado pela transdisciplinaridade e do olhar atencioso do analista do discurso e desmistificado de qualquer conceito de fixidez.

BIBLIOGRAFIA

³ Poder no sentido de posse.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15ª Ed. São Paulo, Edições Loyola, 2007.

_____. **A Arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2009.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. **A Hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Annus Muchail. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 (Obras de Michel Foucault)

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Texto publicado no capítulo 5 do livro *Media and Cultural Regulation*, organizado por Kenneth Thompson e editado na Inglaterra em 1997. Publicado em *Educação & Realidade* com a autorização do autor

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7ª edição, Campinas, São Paulo: Pontes, 2007.

ROLNIK, Suely. **Uma insólita viagem à subjetividade**: fronteiras com a ética e a cultura in: LINS, Daniel S. (org.). *Cultura e Subjetividades: saberes nômades*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.